

BELO HORIZONTE NAS CARROÇAS

Belo Horizonte in The Wain

Belo Horizonte en Las Carrozas

Daniel Macêdo¹

DOI: doi.org/10.31501/esf.v3i31.14624

Resumo: Ensaio visual a partir do encontro com carroças sob tração animal durante caminhadas cotidianas por bairros situados na região da Pampulha, em Belo Horizonte. As imagens constituem miradas catastróficas a partir do encontro com o galopar de signos associados ao rural em meio ao espaço urbano de uma capital situada no sudeste brasileiro.

Palavras-chave: Pampulha, fotografia, carroças, cavalos.

Abstract: Visual essay based on the encounter with wains under animal traction during daily walks through neighborhoods located in the Pampulha region, in Belo Horizonte. The images constitute catastrophic glances from the encounter with the gallop of signs associated with the rural in the middle of the urban space of a capital located in the Brazilian southeast.

Keywords: Pampulha, photography, wain, horse.

Resumen: Ensayo visual a partir del encuentro con carrozas de tracción animal durante los paseos cotidianos por barrios ubicados en la región de Pampulha, en Belo Horizonte. Las imágenes constituyen miradas catastróficas a partir del encuentro con el galope de signos asociados a lo rural en medio del espacio urbano de una capital del sureste brasileño.

Palabras-clave: Pampulha, fotografía, carroza, caballo.

¹ Doutorando, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG, Brasil. daniel.3macedo@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1415-7792>

Avisto a sexta cidade mais populosa do país e a terceira da região sudeste ao caminhar por Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Nestas paragens habitam mais de 2 milhões de habitantes (IBGE, 2022) que exercem rotas singulares nas vias públicas para conferir vida a uma cidade em constante mutação, em movimentos fluídos. Escrevo de uma capital sudestina que, junto a São Paulo e ao Rio de Janeiro, configuram imaginários peculiares sobre a vida acelerada em centros urbanos e as contradições marcadas pelos ideários de progresso.

Antes de morar aqui, mobilizava imaginários homogêneos sobre as urbes sudestinas e associava a cidade aos signos de aceleração discutidos por Milton Santos (2001) a partir do frenesi das cidades mundializadas. Ao caminhar por espaços diversos de ‘Beagá’, as memórias encarnadas formatam imagens outras, de velocidades distintas, sobre as vidas aqui possíveis. A imagem compactada de uma capital sudestina se granula diante das experiências que convocam a percepção de cidades diversas que coexistem e que coabitam o mesmo espaço. É difícil, pois, dizer de um Belo Horizonte; ao passo em que somos convocados a (vi)ver cidades em (trans)formações constantes.

Como muitas pocs, precisei sair de casa para afirmar minha sexualidade. Como muitos nordestinos, atravessei o país com a promessa de ascensão social e econômica. Para isso, acessei a universidade pública em terras mineiras. Tenho a Universidade Federal de Minas Gerais como principal ancorador na cidade e, a partir dela, construí relações que me permitiram acessar outros lugares, outras experiências. É deste lugar enviesado e impuro que embalo meu corpo com a cidade que me é possível, que me é sensível. Saio a caminhar pelas ruas da região da Pampulha com um celular na mão e registro em fotografia as interações que me são surpreendentes, que (des)aterram as expectativas que nutria com a cidade para deixar ver as emoções ao perder-me com as ruas e configurar outros modos de saber (Leal et al., 2022)

Ao longo do último ano, meus percursos cotidianos tem cruzado com carroças que integram cenas urbanas. Em deslocamentos pelos bairros Ouro Preto, Liberdade, Santa Rosa, Jaraguá, Indaiá e Dona Clara, a correria dos cavalos com carroceria contrastam com as promessas de poderio econômico associado a cidade e a região da Pampulha. O imaginário de uma capital sudestina entra em catástrofe sob o ritmo do galope que, por sua vez, constrói imagens urbanas a partir de signos

que urgem em meu repertório associados aos espaços rurais. Ao fotografar este encontro, as inscrições visuais são flexões de um olhar catastrófico nos termos discutidos por Bruno Leal e Itânia Gomes (2020, p. 44) na medida em que este é um gesto para diluir as convenções atribuídas ao cotidiano e para emergir outras visadas e proposições sobre a urbe até então desapercebidas ou pouco evidenciadas.



Figura 1: Carroceiro em Belo Horizonte
Fonte: Autor/2022

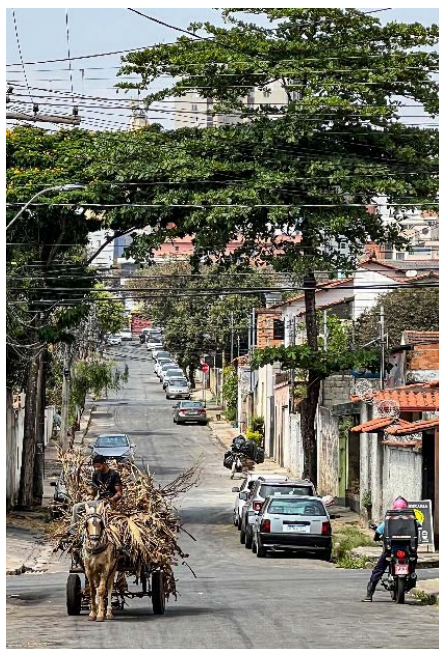


Figura 2: Carroças no Bairro Ouro Preto
Fonte: Autor/2022



Figura 3: Carroças no Bairro Liberdade
Fonte: Autor/2023



Figura 4: Carroças no Bairro Dona Clara
Fonte: Autor/2023



Figura 5: Carroças no Bairro Santa Rosa
Fonte: Autor/2023



Figura 6: Carroças no Bairro Jaraguá
Fonte: Autor/2023



Figura 7: Carroça no Bairro Indaiá
Fonte: Autor/2023

REFERÊNCIAS

Instituto Brasileiro de Geografia. (2022). *Panorama das cidades brasileiras*: Belo Horizonte. IBGE. ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/belo-horizonte

Leal, B; Gomes, I. (2020). Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: J. Maia, R. Bertol, F. Valle, & N. Manna (Org.). *Catástrofes do tempo: historicidades dos processos comunicacionais*. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCom UFMG.

Leal, B; Sales, P & Macêdo, D. (2022). A pesquisa como deambulação: implicações epistêmicas e metodológicas. In: A. Leite, B. Leal, L. Ghizoni, & R. Darwich (Org). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG.

Santos, M (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.